SERMAM

Que prégou

O P. ANTONIO DE SAA

DA COMPANHIA DE JESUS.

Na Capella Real

DIA DO APOSTOLO

S. THOME.

LISBOA.

Com todas as licenças necessarias.

Por Antonio Rodriguez d'Abreu. *Anno* 1674.

A custa de Martim Vaz Tagarro Mercador de liuros.

Affer manum tuam, & mitte in latus meum: & noli esse incredulus, sed fidelis. Joann. 20.

LA fingio a Antiguidade, Multo altos, & poderosos Reys, & Senhores nossos. Lâ fingio a Antiguidade, que desejando o Amor reduzir a si a hum coração desenamorado, sahira à batalha cõ elle, tão armado o Amor de settas, como o coração de durezas. Partido o campo brandio o Amor o arco, medio a setta, apontou o tiro, despedio huma, segundou com outra, atirou finalmente todas, & no cabo cançado já o braço, rota a corda, vazia a aljava, vio todas suas armas aos pès do contrario, que como se fora insensivel marmore, estava triumphante da valentia do ferro. Que faria o Amor neste cazo? Sente o desdem, chora o desprezo, correse da resistencia, & reduzido a desesperação, quebra o arco, arremeça a aljava, batte as azas, & cortando impaciente os ares, como se fora setta com alma, se arroja sobre o peito do adversario, & âs chamas taõ vesinhas desfez aquelle penhasco de durezas; cõcebeo ternuras, admitio caricias, & brando já de amoroso largou o campo ao Amor. Isto que no Amor profano foi fabula, he hoje no Amor Divino verdade. Duvidava Thome resoluto, & negava obstinado a Resurreiçaõ de Christo, naõ lhe valiaõ a este Senhor hũa, nem outra certeza desta apariçaõ, & daquella, porfiava cego em sua contumacia, & pondo no atrevimento o desengano, instava emmedirlhe as chagas, & examinarlhe o peito. Sentiose ao parecer Christo da rebeldia taõ porfiada, & consagrou oito dias aos retiros da Magestade, mas no cabo cedendo a Magestade ao Amor, rodeado de luzes, & servido de resplandores, penetra imperiosamente soberano as portas do cenaculo, & vencendo descortezias, atropelando

do[ingratidoens contra a grandeza de Senhor, contra os privilegios de immortal, se mete atè o coraçaõ pellas maõs de Thome, que rendido a tanto golpe de rayos, & a tanto tiro de finezas abjurou perfidias, & reconheceo a Christo: *Dominus meus, & Deus meus.*

Esta he em summa a historia toda do Evangelho, nelle se nos representa Thome em dous estados: em hum temos a Thome perdido a porfias de sua incredulidade, em outro temos a Thome ganhado a favores de Christo; & na consideraçaõ de ambos quizera eu satisfazer ás obrigaçoens deste dia. Celebra neste dia a Corte de Portugal a Thome como Orago da Real Capella de seu Monarcha. Celebra tambem o Tribunal da India a Thome como Padroeiro das Conquistas do Oriente. Thome ganhado acodirà ás obrigaçoens de Orago: Thome perdido satisfará aos empenhos de Padroeiro: na reduçaõ de Thome notará advertẽcias a Corte: na perda de Thome chorará seus descuidos a India; & como[se bem advertimos]a Thome com a mão no lado de Christo, escolheo pera Orago de sua Real Capella a Magestade Augusta de nosso inclito Monarcha, para que ainda nas menores circunstancias se ajuste o Sermão com a celebridade, a mão sómente de Thome no Lado de Christo serà o assumpto da primeira parte, & as palavras ultimas de Christo em que cifrou os erros de Thome a materia da segunda. Comece Thome a darnos a mão.

Affer manum tuam, & mitte in latus meum. A primeira cousa notavel que descubro naquella mão de Thome, & o que eu admiro muito he, que vendose buscada de Christo: *affer manum tuam*, esperasse ainda imperios pera entrar no Lado: *mitte in Latus meum.* Cuidava eu que ao primeiro aceno de Christo se estendesse logo confiadamente ao favor, & ella sobre esperar que a mandem estender: *affer*; espera ainda que a mandem entrar: *mitte.* O bem de Thome dependia todo deste favor: *Nisi mittam manus meam in Latus ejus, non credam*; Pois se deste favor dependia todo o bem de Thome, pera que anda com tantos vagares a mão? Porque era favor de Lado, & Lado de Senhor, & quiz mostrar Thome que o Lado de hum Monarcha não devia ser despojo da confiança alhea, se não benevolencia da eleição propria. O Principe não ha de admitir a sua

graça a quem a quer, senão a quem elle quizer: as outras mercès sejão embora dos introduzidos, porém o valimento ha de ser sómẽte dos chamados, ainda não disse bem; ha de ser dos que sobre chamados forem escolhidos. A todos os homens chama Deos pera lograr sua privança na gloria, mas nem a todos os que chama concede a gloria de sua privança; chama a todos, & escolhe a poucos, & os poucos escolhidos estes saõ os privados. Pois da mesma sorte que se procede no valimento divino, assi he bem, antes he necessario, que se proceda no valimento humano; hade haver vocaçaõ, & hade haver eleiçaõ, hase de chamar a muitos, & hase de eleger a poucos; & os poucos eleitos, estes haõde ser os validos; & a razaõ disto he, porq̃ a opiniaõ he a melhor parte da vida real, & das acçoens dos validos depende sempre a opiniaõ do Rey: conforme saõ os lados, assi se avalia commũmente a cabeça, & por isso importa muito que escolha o Principe, & com grande consideraçaõ os lados.

Caminhava Christo pera o Calvario, & diz o texto, que levavaõ com elle a outros dous malfeitores; *ducebantur, & alij duo nequam cum eo.* Misterioso termo na verdade, *& alij,* & outros? Levavaõ dous malfeitores, isso estava bem, porêm outros dous? Logo Christo tambem era malfeitor? Não era malfeitor Christo, mas levava ao lado dous malfeitores, & bastou serem estes os lados pera de algum modo correr Christo por malfeitor. Não menos que isto val â cabeça na eleiçaõ dos lados. Seja o Rey a innocencia mesma, se lhe serve de lados a malicia, hade passar por malicia a mesma innocẽcia: nos outros homẽs periga a reputaçaõ nos vicios proprios; no Principe atê os alheos saõ achaque de sua reputaçaõ. O ecclypse que experimenta o mundo quando a Lua acerta de ficar diante do Sol, naõ he defeito do Sol, he effeito da Lua, que com a oppacidade interposta de seu corpo impede a communicaçaõ benigna de seus rayos, & com tudo naõ se chama ecclypse da Lua, se não do Sol, & corre por defeito proprio o embaraço alheo, porque esta he apenção de hum Planeta Rey, julgar todos que he ecclypse do Sol, o que saõ somente sombras de Lua. A baze em que estriba gloriosamente segura a boa fama dos Monarchas, não saõ tanto as

prendas próprias, como as acçoens dos validos: as magestades como vivem retiradas, o respeito as imagina sempre soberanas; se os privados saõ modestos, & entendidos, dissimulaõ muito seus erros, & ainda os fazem parecer acertos; porèm se saõ depravados, & indiscretos por elles, como por resquicios de Palacio, se arroja a coriosidade do povo a penetrar as qualidades do Principe, & da malignidade dos lados conjectura menos bondade na cabeça: por isso Thome para chegar ao Lado de Christo espera ser chamado; *affer manum tuam*, & espera ser escolhido: *mitte in latus meum*; para que nas tardanças de sua mão advirtão os Principes como devem conceder o lado.

Despois de esperar a mão de Thome imperios, manda Christo que entrasse a mão, mas não mandou a Thome que visse o Lado; permitiolhe o toque, mas negoulhe as vistas: *affer manum tuam, & mitte in latus meum:* quando foi ás chagas das mãos, ordenou Christo a Thome que tocasse, & visse: *infer digitum tuum huc*, eis ahi o toque, *& vide manus meas*, eis ahi as vistas. Pois se Christo concedeo as vistas das mãos a Thome, porque lhe negou a vista do Lado? Porque essa differença ha de haver do Lado ás mãos: As mãos como saõ indices da liberalidade, he bem que sejaõ vistas de todos, porque para todos deve ser liberal hum Rey: o Lado como he deposito dos mais interiores segredos, não ha de ser visto de ninguem; porque a ninguem se hão de manifestar os segredos. A grandeza do rio conhecese na profundidade de suas agoas, suas profundidades ha de ter o Principe para se venerar grande: hade seguir o modo do obrar da natureza que nos mostra as fermosuras sem dizer como as obra. Quando Isayas vio a Deos no throno, diz que dous Seraphins lhe cobrião a cabeça, & os pês com suas azas; porque com tanto recato ha de zelar hum Monarcha as maximas do governo, que nem se lhe entendão os passos, nem se lhe penetrem os decretos. A a divindade presidente dos Conselhos, levantou Roma Altares, porém debaxo da terra, significando com isto o muito que se deve occultar, & encobrir sempre a resoluçaõ dos negocios. De tudo pode ser muito liberal hum Monarcha, porém em materia de segredos ha de ser mais apertado que todos; & que

que bem ensinou Christo esta politica, quando se vio acclamado Rey na Cruz.

Naquelle sangue que o golpe de huma lança lhe tirou do Lado, querem communmente os Doutores que dêsse Christo os Sacramentos á sua Igreja *De latere Christi exierunt Sacramenta*, & merece reparo, que esperasse huma lançada para dar os Sacramentos: nos Sacramentos consistia o mayor bem da Igreja, porque a Igreja naõ tem mayor bem que a graça, & as fontes da graça estavaõ nos Sacramentos; pois se isto he assi, porque os não dà como de si o Senhor? Porque ha de esperar que lhos tire do peito a violencia de huma lança? Sabem porque, porque eraõ Sacramentos, & Christo estava intitulado Rey, & quiz mostrar ao mundo que fazia tanta estimaçaõ do segredo, que tirarlhe do peito Sacramentos era darlhe huma lançada no peito. Tão difficultoso ha de ser o Monarcha em rẽder os segredos, que nem baste a mayor conveniencia para facilitar o coração a desvelos; sobre a mayor conveniencia ha de aver ainda muita difficuldade, ha de abrirse o peito Real quãdo assi importe, com tanta repugnancia, que não pareça que diz segredos, se não que recebe lançadas; & na verdade que mayor lãçada para hum Principe que tirarlhe do peito hum segredo? Nos Imperios naõ ha melhor coluna da Magestade, que o respeito; a vida do respeito he a opiniaõ, a alma da opiniaõ he o segredo; senão ha segredo menos cabalse ordinariamente a opiniam, senão ha opinião diminuese o respeito, & se não ha respeito, q̃ outra cousa vẽ a ser a purpura mais vistosa, senão hũa ignominia mais córada? Tãto como isto importa aos Monarchas o segredo, & comunicalo vem a ser o mesmo que rompelo; os segredos saõ como as minas, que em tendo muitas bocas vapóra por ellas o fogo, & não fazem effeito; para hum segredo estar secreto não ha de ser comunicado, porque não ha segredo comunicado em segredo.

Perguntado Christo do Summo Sacerdote acerca de sua doutrina, respondeo desta maneira *Ego palam locutus sum mundo, & in occulto locutus sum nihil*: eu sempre falei publicamente ao mundo, & não disse nada em segredo. A reposta he tão verdadeira como dada pella summa verdade; mas parece que tem sua duvida, Christo

disse

disse algumas cousas em segredo, como consta dos Evangelistas todos, & baste o testemunho de S. Matheus no cap. 20. onde escreve que se retirára o Senhor muito em segredo com seus Dicipulos, & lhe descubrira o successo futuro de sua morte, & Resurreição *Aßumpsit duodecim discipulus secreto, & ait illis*: pois se Christo disse em segredo algumas cousas, como affirma agora que não dissera nada em segredo? Ora a rezão he esta: he verdade que Christo disse muitas cousas em segredo, mas ainda que em segredo, disseas: & he tão pouca a fè que se guarda ao segredo no mundo, que dizer em segredo, val tanto no juizo de Christo, como dizer em publico; bastou considerar os segredos cõmunicados para logo os não avaliar secretos. Em materia de segredo não ha differença de dizer a dizer, tudo o que he dizer, he publicar, porque não ha paciencia no coraçam humano para calar o q̃ sabe; ou ha de dizer o segredo que lhe cõmunicarão, ou ha de dizer que lhe comunicaram segredos. Os menos Secretarios dizem o segredo que sabem, os mais fieis se não dizem o segredo que sabem, dizem pello menos que sabem segredo. Esta foi a mayor fineza a que chegou a profundidade de hum Paulo: *Audivi arcana verba, quæ non licet homini loqui*; esta foi a mayor excellencia a que chegou a fidelidade de hũ Isayas: *Secretum meum mihi*: hum, & outro calava os segredos que sabia, mas hum, & outro não pode calar que sabia segredos: que a gloria de parecer familiar, & intimo, se sofre que se occulte o segredo das cousas, das cousas não sofre que se encubra a sciencia do segredo; & para se romper hum segredo, basta revelar que se disse o segredo, ainda que não se rende o segredo que se disse; porque se dà occasiam ao discurso, para que pellas noticias do segredo conjecture a qualidade dos negocios; que cousa mais retirada que o coração? Lá no retrete mais interior do peito o escondeo a natureza; & com tudo sò por aquelle sutil movimento que comunica âs artereas, se conhecem seus achaques, & enfermidades.

Não ha segredo seguro, porque não ha segredo calado, não disse bem; não ha segredo seguro, porque ainda o mais calado se fala. Costuma o animo passarse como o papel, & se lè por sima o que està escrito dentro, estranho silencio, diz a Escritura, que guardara

Abfalão

Absalam na vingança que intẽtava tomar de Amon pella injuria que fizera a sua Irmãa Thamar; & no caso desse nem o cuidado em calarse, entendeo Ionadab os vingativos intentos de Absalam; & se nem o silencio sabe guardar hum segredo, que segredo se pode esperar em silencio? Ouçamos para ultimo abono desta verdade, hũa proposição notavel do Sabio: *Gloria Dei est calare verbum:* A Gloria de Deos por anthonomasia, diz elle, he o silencio que guarda em seus segredos, que segredo significa ali a palaura *Verbum*, conforme S. Gregorio, & outros. Olhai onde o Sabio foi pòr a gloria de Deos; cuidava eu que a gloria era ser tão omnipotente que de nada produzio hum mundo; ser tão immenso que todo esse mundo, não baste a comprehender sua grandeza; mas que hum segredo calado essa seja a gloria de Deos? Si, eu direi o porque, em Deos ha tres pessoas, & não ha segredo em Deos que as tres pessoas não saibão; & que se cale hum segredo que sabem tres pessoas? que possaõ tres pessoas guardar segredo ao segredo? Singular gloria de Deos, tão difficultosamente se cala o que se sabe, que saber, calar, ainda em pessoas Divinas he o realce mayor de sua gloria: *Gloria Dei est calare verbum.* Vejão agora os Monarchas com que segurança podem fiar seus segredos de pessoas humanas, & se por causa desta infidelidade, & facilidade do coração humano convem tanto esta cautela em qualquer materia de segredo, que serà na quellas de que depende a conservação dos estados? Que serà nos militares, em cuja fortuna estriba a gloria, ou a ruina das Monarchias? Nessas diga o Princepe do Ceo como devem proceder os Princepes da terra.

Fala Christo do dia do Iuizo, & diz assi: *De die autem illa nemo scit, neq; Angeli, neq; Filius, nisi solus Pater.* O dia do Iuizo, senão he o Pay, ninguem o sabe, nem os Anjos, nem o proprio Filho; varias saõ as exposiçoens que dão os Santos Padres a este lugar, & confessando todos catholicamente rendidos, que Christo em quãto Deos sabe quando ha de ser o dia do Iuizo, Cyril. l. 9. thesaur. capit. 4. com outros muitos sente que na verdade Christo em quanto Homem não sabe quando ha de ser aquelle dia; & que encubra o Eterno Pay quando ha de ser o dia do Iuizo a seu Fi-

 lho?

lho? Notavel recato de Pay: Chriſto ainda em quanto Homẽ co-
nhece todos os futuros, & ſuceſſos de todos os mais dias do mun-
do; pois ſe o Pay lhe manifeſtou os ſegredos dos outros dias, por
que encobre o ſegredo do dia do Iuizo? A verdadeira razão ſabea
Deos, eu ſó ſei que os outros dias ſaõ dias em que Deos aſſiſte
ao governo politico do univerſo, o dia do Iuizo, he dia em q̃ Deos
hade dar batalha geral a fogo & ſangue ao univerſo todo, & o ſegre-
do de hum dia de batalha, nem de ſeu filho parece que o fia Deos:
ſaiba embora Chriſto os ſegredos que pertencem ao conſelho de
eſtado; porém o ſegredo da guerra nam o ha de ſaber ninguem
mais que o Pay; *De die illa, nemo ſcit niſi Pater.*

A felicidade das batalhas depende mais de miſterio, que de
verdadeiro; a maior prevenção ſabida deſafoga cuidados, a menor
ignorada multiplica receyos; hum piqueno ribeiro em quanto
não ſe deixa vadear, atemoriza: o rio mais caudaloſo ſe chegou
a vadearſe não ſe teme: a tormenta tanto tem de perigoſa quanto
tem de repentina: ſe a nuvem no relampago deſcobrio o tempo-
ral, hum barco eſcapa; ſe o nam deſcubrio o maior galeam geme:
que embaraçado ſe acha naquelle que primeiro ſe vio ferir, do que
reluzir a eſpada: Que deſaſſombrado o outro a quem prevenio o
ruido, antes que diviſaſſe as armas: Pellos ſucceſſos ſe hão de co-
nhecer as emprezas, que não ha empreza com ſucceſſo ſe he deſ-
cuberta antes de ſer effeituada. Nunca Saul pode haver às mãos a
David, porque ſempre ſoube antes David o que intentava Saul; a
ſegurança da victoria não eſtá ſó em pôr o peito valerozamente
ao inimigo, ſenaõ em furtar tambem ao inimigo o peito; nas
batalhas a peito deſcuberto ſempre foi mais certo o perigo, que
o triumpho. Rompia Germanico com facilidade o campo de ſeus
contrarios, porque como diz Tacito, primeiro lhes rompia os ſegre-
dos do campo. Contra a culpa poz Deos em campanha ſua Divi-
na graça; mas como batalha a graça Divina? Batalha tão armada de
ſegredo, que com ſete Sacramentos ſe arma. Os Sacramentos levão
a vanguarda nos combates da graça com a culpa, & não ha culpa
mortal vencida, ſe faltão no combate os Sacramentos. Se o meſmo
Deos não acõpanhara cõ ſete Sacramẽtos o valor de ſua graça, que

 impo-

importâra o mayor valor dos homens sem nenhum Sacramento? E como em materia de segredo he necessaria tanta cautella, por isso nem Thome se atreve a meter a mão no Lado aberto de Christo, se não a imperios do mesmo Senhor, nem o Senhor ainda que conceda o toque permitte as vistas a Thome: *Affer manum tuam, & mitte in latus meum.*

Entrou a mão de Thome no Lado de Christo, mas não entrou para o fechar, tão aberto o deixou como estava; bem cuido eu, que se Thome pedira ao Senhor que o fechasse, q̃ facilmente o alcançâra, porque quem o deixou aberto contra os privilegios de glorioso, porque o havia de pedir assi Thome, tambem o fechara se Thome assi o pedira; & que o não pessa Thome? Que o deixe patente para os outros? Que não pretenda ser unico no favor? Ora esta he huma das grãdes excelencias do Apostolo, ser hũ Ministro de cõdição tão generosa q̃ não quiz ser singular na graça de seu Princepe: sobir ao valimẽto, & aspirar logo á singularidade isso acõtece a todos; chegar ao lado, & não o fechar para todos he singularidade de Thome.

Levanta Christo a S. Pedro ao grao mayor de sua privança, dalhe o Summo Pontificado de sua Igreja, & logo diz o Texto Sagrado, que voltando Pedro os olhos, vira vir a João seguindo a Christo, & que como o vio perguntàra ao Senhor: *Hic autem quid?* E este que ha de ser delle? admiravel successo na verdade! Todos os outros Discipulos vinhão em seguimento de Christo, & que vindo derradeiro sò com Ioão fossem topar os olhos de Pedro? & que nunca se lembrasse Pedro de procurar o que havia de ser de Ioam se não agora? Pois Pedro donde agora tanto cuidado de Ioão? Não era cuidado que Pedro tivesse de Ioão, erão cuidados que Ioão dava a Pedro: Ioão era privado antigo de Christo, Pedro viasse valido de novo, & como se vio assi valido, parece que não queria aloão privado, reparai bem na pergunta: *Domine hic autem quid?* Senhor, & Ioaõ que ha de ser? Quem pergunta o que ha de ser Ioam não quer que seja Ioão o que era, quer que seja outro do que fora; que saber do Princepe hum novo valido o que ha de fazer do antigo privado, não he procurarlhe o augmento, he solicitarlhe a mudança. E assi parece que o entendeo o mesmo Evangelista, por

que havendo de referir esta pergunta de Pedro, vejase a miudeza de palauras com que o faz. *Conversus Petrus vidit illum discipulum, quē diligebat Iesus*, virandose Pedro, vio aquelle Discipulo a quem amava o Senhor: *Qui recubuit in cœna super pectus Domini*; aquelle que na cea esteve reclinado sobre seu peito; *Et dixit Domini quis est qui tradet te?* E aquelle que lhe perguntou quem era o treidor: *Hūc ergo cum vidisset Petrus dixit: hicautē quid*; aeste pois como visse Pedro perguntou ao Senhor que havia de ser delle; como que quizesse insinuar o Evangelista, que da muita privança que Pedro advertira em Ioão, nacera o cuidado de Pedro, & que solicitava o que havia de ser do amado, porque dezejava o amado em outro ser; que de ordinario succede isto nas Cortes do mundo? Não ha subida de Pedro que não seja queda de Ioão; nas cinzas da deminuiçam alhea se fabricam as montanhas do valimento proprio. Aquella pedra do sonho de Nabucho para se levantar a monte, reduzio a cinzas a estatua que não ha ajuntar a altura da estatua com a grandeza da pedra: ou a pedra não ha de ser monte para que persevere a estatua, ou a estatua ha de sentir sua ruina, para que seja monte a pedra: & que não se contente com crecer a montanha, a pedra mais tosca, senão que de caminho ha de dar em terra com a estatua mais dourada? Terrivel estilo de crecer! Os Principes costumão compararse com o Sol, & se o Sol tem cabedal de rayos para illustrar francamente luzido a milhares de estrellas, porque ha de querer huma sò estrella limitarlhe âs suas conveniencias os rayos? Astro envejoso, se es Marte esforçado deixa luzir a Saturno prudente, que tanto sol te fica como Saturno leva; & se es Iupiter illustre, deixa resplandecer a Mercurio Sabio, que não te faltarão luzes por muitas que possua Mercurio. De outra estrella te zelas? De outra estrella te temes? Pouca deve de ser tua pompa; porque luz que para apparecer ha mister tudo em trevas, não he grande luz. Tão longe estava Thome de pretender ambicioso, singularizarse nos favores de seu Senhor, que antes generosamente desenteressado, com aquella mesma mam introduzio a muitas almas na graça de Christo, cõmunicando a todos por meio do bautismo a fè que naquelle Lado recebera. Exemplar valente de favorecidos, que não sò não devem o

estancar em si, senão que devem dilatar a outros os beneficios que gozam. Nam se pode negar aos montes que recebam mais, & primeiro as luzes do Sol, que os valles, que isso fora ignorar a mesma natureza entre as queixas da fortuna, porém devem os montes cõtentarse com ser montes, & nam sublimarse a ser nuvens: duas visinhanças tem de seus raios o Sol, as nuvens no ar, & os montes na terra; as nuvens de tal maneira recebem sua luz, & se ornam com rayos, & se douram com elles, que logo os reverberam liberaes aos valles; logrem pois os maiores, & mais ditosos de perto as luzes reais, porèm nam sejam nuvẽs que sobre afermosearse as encubrão, sejam montes que sobre illustrarse as communiquem; sejam como Thome que sobre nam querer só para si a graça do Lado, elle mesmo convidava a todos com a graça de Christo.

Là reparamos porque esperara a mam de Thome imperios para entrar; *affer mitte*; agora reparo porque nam esperou imperios para sair; porque nam procedeo aquella mam ao sair, assi como procedera ao entrar? Tam vagarosa na entrada, & tam apressada na saida? Oh que admiravel doutrina nos dâ aquella mam! Em Christo havia duas naturezas, a divina, & a humana, era Deos, & era homem: lograva no lado a graça de Christo como homem, Thome nam lograva a graça de Christo como Deos: Lograva a graça de Christo como homem, porque entre os homens nam ha maior graça, que dar o lado: nam lograva a graça de Christo como Deos, porque era necessario que depuzesse a infidelidade para conseguir a graça. Ter a mam no lado era indicio de infidelidade, pedira o lado: *nisi mittam manum meam in latus ejus, non credam*: A fè pedia que deixasse o lado, & se confessasse reconhecido a Christo, pois vendose Thome com a graça humana, & sem a graça de Christo como homem, por ganhar a graça de Christo como Deos; assi estimava Thome a graça de Deos, & assi nos advirte que a estimemos todos: Ordinariamente andam de batalha a graça de Deos, & a graça dos homens, & ordinariamente sae vencida a graça de Deos, & eu nam sei porque ha de succeder â graça de Deos esta desgraça? Porque a graça de Deos tem todas as razoens para ser estimada, a graça dos homens tem muitas para nam ser apetecida. Notemos brevemen-

te algumas para que se veja melhor a boa eleiçam de Thome, & a injusta sem razam nossa.

A graça de Deos he muito facil de alcançar, dasse a quem a quer, se fazeis pella merecer nam vola pode Deos negar; A graça dos homens he muito difficultosa de conseguir, porque se dâ somente a quem quer o Rey; ainda que façais muito pella alcançar, em quãto nam quizer o Principe nam a haveis de possuir; Servis com Germanico, socegais tumultos, desbarataes exercitos, engeitais a purpura, & comtudo nam privais, porque nam quer Tyberio. Os merecimentos estam em vossa mam, porém a privança está na vontade alnea, bem podeis servir se quizeres, mas por mais que queiraes nam haveis de privar se nam querem.

A graça de Deos se he facil de alcançar, he difficultosa de perder, a graça dos homens he tam facil de perder, como difficultosa de alcançar. Para perderes a graça de Deos, que alcançastes com hum só obsequio, nam bastam muitas venialidades juntas, bem pode hum homem cometer culpas veniais, & com tudo ficar em graça de Deos; para perderes a graça dos homens, que vos custou muitos serviços qualquer venialidade basta. Aquelles dous privados de Farao, despois de tantos annos de firmezas, acharamse hum dia inopinadamente caidos de sua graça, & metidos em hum carcere; & porque culpas? Porque no pão que hum lhe levou hia hũa pedrinha, & na copa q̃ o outro lhe poz se vio hum mosquito; Olhai a graça do mũdo, huma pedrinha a quebra, hum mosquito a offende; os serviços destes homẽs foram de muito cuidado, sonhavam com sua obrigaçam: *Somniũ vidimus*; a culpa foi muito acazo; *accidit ut peccarẽ*, & perderam por hũ acazo de culpa, o q̃ ganharam cõ muito cuidado de serviços: & graça q̃ hũa pedrinha a quebra, he graça muito de vidro: & graça q̃ hũ mosquito a offende, he graça mais que de vidro.

Parecevos muito isto? Ora aguardai, que ainda nam disse muito, & quantos cahiram da graça dos homens sem nenhum genero de culpa? Eis aqui outra grande differença, que vai da graça de Deos à graça dos homens: para perderes a graça de Deos, he necessario que haja culpa, & que seja mortal; & para perderes a graça dos homens, naõ he necessario q̃ seja mortal, nẽ que haja culpa. Dizeime: A mam

quiz

quiz algum dia atrevido violar o thalamo de Afuero? Nem lhe paſſou pella imaginaçam. Daniel pretendeo algum dia ſedicioſo inquietar a Monarchia dos Aſſirios? Nem o ſonhou nunca; & com tudo Amam por atrevido morre em huma forca; Daniel por ſedicioſo eſtà no lago dos Leoens. Ha ſem razam igual a eſta? Daniel homem tam privado, & hoje tam deſvalido, & iſſo ſem culpa? Por ſuſpeitas de Aſſuero contra Amam, por inveja dos Aſſirios contra Daniel? Ahi vereis o que he a graça dos homens porque tanto ſuſpirais, mas ainda diſſe pouco.

A graça dos homens nam ſò ſe perde ſem obrar, atè com obrar bem ſe perde. Quando nam houvera outra razam eſta ſô baſtava para fazer de maior eſtimaçam a graça de Deos, que a graça dos homens: a graça de Deos alcançaſe com boas obras; a graça dos homens ainda com as obras boas ſe offende. A quantos ſe originou o aborrecimento do Principe das meſmas finezas que obraram em ſeu ſerviço? Digao Iunio Bleſo, a cujos obſequios correſpôdeo Vitelio com odio quando devia favores. Digao Silio cuja ſingular fidelidade em reprimir aos ſoldados na rebeliam que intentavam contra Tiberio, o privou de ſua graça. Digao David que matando a hum gigante, terror dos exercitos de Saul, por huma pedra que deſpedio com tãta ventura no campo, achou huma lançada no Paço. Idolos ſam commummente os Principes, cujos olhos como advirtio Ieremias, cegam com o pò dos meſmos que entram a adoralos: mais coſtumão premiar deſcuidos, que finezas, porque tem o reconhecimento por eſpecie de cativeiro, couza incompativel com a Mageſtade; & julgam por menos pezada a nota de ingratos, que a obrigaçam de agradecidos; de maneira, que não ha couza alguma que ſegure a graça dos homens, ou haja culpa, ou não haja culpa; ou obreis mal, ou obreis bem, ſempre periga a graça.

A graça de Deos não vo la tira Deos pello que haveis de fazer, ainda que Deos ſaiba que aveis de peccar de futuro, nem por iſſo vos priva da graça preſente: na graça dos homens baſta prezumirſe que podeis vir a offender, para logo vos deſapoſſarẽ da graça. Imaginarão os grandes da Corte del Rey Achis que David por congratarſe com Saul podia maquinar contra ſeu Imperio; & deſ-

terrou

terrou Achis de ſua graça a David; & que me hão de tirar a graça não pello que fiz, ſe não pello que ſe cuida que poſſo fazer? A graça de Deos, he premio dos bons penſamentos, & que pellos maos penſamentos alheos hei de perder a graça? Que ſaya David deſterrado da Corte porque os Satrapas o profetizaram delinquente no campo? A graça perdida, & as culpas ſômente profetizadas? E ha quem arriſque a graça de Deos pella graça dos homens? Nam ſei que reſoluçoens ſam as noſſas.

Pera perder a graça de Deos nam baſta a certeza do futuro, & baſta a emmenda do paſſado pera tornar á graça de Deos. Na graça dos homens nem pera o futuro val a incerteza, nem pera o paſſado a emmenda; tiramvos a graça pello mal que podieis fazer, & por mais que emmendeis o mal que fizeſtes, nam vos reſtituem a graça; na graça de Deos perdida, qualquer contriçam he remedio, na graça dos homens perdida nam ha remedio na maior contriçam.

A graça de Deos cauſa eſquecimento de tudo o que foſtes, & ſó vos faz eſtimado pello que ſois: por grande peccador q̃ tenhais ſido, ſe vos pondes em graça, ja nam vos conhecem por injuſto; na graça dos homens, nam baſta o que ſois, pera pòr em eſquecimẽto o que foſtes; antes ſe algum dia foſtes menos, nunca ha mais lembrança do pouco que foſtes, como quando ſe vè o muito que ſois. Falavam os grandes de Aſſirias com Dario acerca de Daniel, & na m o tratavam menos, que de cativo. Daniel *de filijs captivitatis*: Falava o outro cortezam com Iozaphat acerca de Eliſeo, & chamoulhe criado de Elias, *Eſt hic Eliſeus, qui fundebat aquam ſuper manus* Elias: Pois valhame Deos aſſi ſe trata hum Daniel? Aſſi ſe trata hũ Eliſeo? Daniel, que he a maior privança de Dario? Eliſeo que he o oraculo dos maiores Principes? Que quereis; eſſe he o coſtume do mundo, por mais valimento que tenhais foſtes vòs algum dia cativo? Pois haveis de ſer cativo, ainda quando ſois privado; foſtes vós criado de Elias? Pois haveis de ſer criado de Elias, ainda quãdo ſois privado dos maiores Principes; vòs tereis a maior privança, mas por mais de marca que ſeja a privança, vòs haveis de ſer privado de marca; vós ſereis Oraculo de Monarchas, mas as profecias em voſſa boca ham de ſer obſequios de Elias. Finalmente a graça

de

de Deos he tal, que estimam os bemaventurados a gloria, porque he segurança da graça; se na bemaventurança se pudera perder a graça, naõ se amara a gloria; & que maior excellencia da graça de Deos? E que tal he finalmente a graça dos homens? He hum gosto assustado, hum desassocego doce, hum reclamo de invejas, hum espertador de calumnias, hum ensayo de tragedias, hum vapor metido em nuvem, hum nada disfarçado em muito, data da fortuna, premio da lisõja, embaraço das conciencias, & chave ordinarimẽte do inferno; he hũa faisca q̃ sobe para acabar, hũa exalaçaõ q̃ arde para não ser, hũSol q̃ nace para se por, hũa Lua q̃ cresce para minguar, hũ vento q̃ assopra para acalmar, hũa roda q̃ se empina para decer; pois se esta he a graça dos homẽs, se esta he a graça de Deos, com muita razão se apressa Thome a ganhar a graça de Christo como Deos, ainda que perca a graça de Christo como homem; & entaõ andaremos nós mais discretos quando a imitaçam sua seja naõ estimarmos mais a graça dos homẽs, q̃ a graça de Deos.

Tem satisfeito Thome, ganhado ás obrigaçoẽs de Orago; tempo he já que acuda Thome perdido aos empenhos de Padroeiro; mas como poderá ser Padroeiro Thome perdido? Cõ propriedade grãde ao proveito do mũdo todo, diz S. Agostinho, q̃ se encaminhavaõ as duvidas de Thome, & que errava elle, pera que não errassẽ os outros: *In his Apostoli verbis mundi utilitas agitur; uni interrogatio universitatis est instructio:* De maneira que a perda de Thome era beneficio do mundo, porque soubesse o mundo ganharse, por isso se perdia Thome; Pois se o bem do mundo era motivo da perda de Thome, naõ ha duvida que o bem de Portugal era muito particularmente motivo de sua perda. Quando o Evangelista vai a contar o erro de Thome, faz hũa notavel advertencia, & diz que se chamava Didimo: Thomas, *Qui dicitur Didimus*; Didimo quer dizer gemeo, & se Thome errava como gemeo, Portugal era em profecia o Irmam; porque assi como das Chagas de Christo renaceo Thome fiel, assi tambem das Chagas de Christo naceo Portugal Reyno, & assi como Thome renaceo fiel pera levar a Fé ao Oriente, assi tambem Portugal naceo Reyno pera levar ao Oriente a Fé; pois se Thome se perde como Irmaõ de Portugal, quem duvida q̃

com cuidado muito particular attendia em sua perda a nosso bem? Se os erros de Thome erão cautelas pera todos, muito melhor serião advertencias pera o irmão; & sendo isto assi, naõ pode haver melhor Padroeiro que Thome perdido. A carta de marear não está perfeita, porq̃ assinala os portos, as distãcias, as alturas, senão por que mostra os perigos, o baxo, a ponta, o cabo; mais importa saber donde se hade fugir, que aonde se hade chegar, & devemos mais á desgraça que encontrou com a penha, do que á ventura que descobrio o porto. Este favor pois devemos a Thome, que pera nos acautelar a nós, se perdeo a si, & por nos deixar descubertos os baixos mais perigosos no dilatado mar de nossa Monarchia, naufragou desgraçado; mas a infidelidade nossa, foi q̃ com ficarem descubertos os baxos, não soubemos, ou não quizemos evitar o perigo, & poderâ ser que por isso esteja hoje perdida a India, porque sendo os erros de Thome cautella, fizem os delles imitação, & exemplo: Vamos aos erros, & chorarà a India seus descuidos.

Nolli esse incredulus, sed fidelis; não queirais ser incredulo, senão fiel, disse Christo a Thome, em estas poucas palavras cifrou a maior occasião de seus infortunios: *Noli*, não queirais, na vontade achou Christo a infidelidade a Thome, & este foi o seu primeiro erro, governarse pella vontade; quando os condiscipulos disserão a Thome que tinhão visto ao Senhor resuscitado, se elle consultara ao entendimento, achara razoens muito forçosas pera crer, assi por parte da verdade dos companheiros, como por parte da omnipotencia do Senhor, mas como consultou a vontade, achou sòmente motivos pera duvidar; porque o amor proprio (como diz S. Sirylo) agravado de que lhe faltasse a elle o favor que se fizera, aos outros persuadio incredulidades: *Mærore quia ipse quoque non viderit, affectus ad infidelitatem delabitur*; Naõ menos desordenados que isto saõ os dictames da vontade: E esta he a primeira advertencia que fez Thome aos Portuguezes pera evitar desacertos no governo de sua Monarchia, reger pello entendimento, & não pella vontade.

Quem rege pello entendimento pode governar bem, & pode governar mal: quem rege pella vontade nunca pode governar bem, a razão he muito evidente; porque quem rege pello entendimento

intende mal,governa mal,se entende bem,governa bem: quem r: pella vontade,ou queira mal , ou queira bem,sempre governa mal,se quer mal,governa com paixão, se quer bem,governa cõ cegueira;& com tais lados como são cegueira, & paixaõ, que governo pode esperar acertos? Pera que huma Republica seja bem governada hade haver nella castigo,& premio; castigar delitos, & premiar merecimentos,saõ os polos sobre que se funda hum governo ajustadamente politico, & nenhũa destas cousas pode fazer bem a vontade; porque se ha cegueira,se ama, dará tal vez o premio a quem merece castigo; se ha paixão,se aborrece, dará tambem o castigo a quem està merecendo o premio:& digao hum dos maiores culpados,& o maior dos innocentes,que vio o mundo.

Remeteo Pilatos ao parecer dos Fariseus a causa de Christo,& a causa de Barrabas: *Quē vultis dimitam vobis? Barrabam; an Iesum, qui dicitur Christus*? A quem quereis que solte,a Barrabas, ou a Iesus,que se diz Christo? Resolveram os Iudeos: & quem vos parece que foi o condenado,quem o livre? *At illi dixerunt, Barrabam*: O livre foi Barrabas ,o condenado foi Christo. Quem houvera de imaginar de homens racionaes sentença taõ barbara como esta? Christo era bemfeitor deste povo,era o remedio commum de suas necessidades:pello contrario, Barrabas era hum ladraõ publico,homicida de muitas vidas,& cabeça de grandes insultos;pois como he possivel que homens com razam dessem a vida a Barrabas,& a tirassem a Christo? Nas palavras de Pilatos està a rezaõ: *Quem vultis*: Quem quereis ? devolveose este juizo ao parecer da vontade, & não ao voto do entendimento,& onde a vontade senteceava, que outras podião ser as resoluçoens? Onde vota a vontade,livramse as culpas, & condemnãose as innocencias : vive hum Barrabas, & morre hum Christo : & Republica onde os merecimentos andam crucificados,& os delitos soltos : Republica onde os Christos perecem, & os Barrabazes triumphão : ò que desordenada Republica, & arriscada! Desordenada,porq lhe hão de faltar os homens, arriscada porque lhe ha de faltar Deos.

Haõlhe de faltar os homens,porque como se animarà a servir hũ homem se vè ao benemerito com a Cruz ás costas,& ao venturoso a

to a Cruz no peito? Como se alentarà a padecer os trabalhos, & perigos de huma campanha, se vé que o valor leva as feridas, & avalia os premios? Se mais alcança o sangue que corre pellas veas, do que as veas q generosamente derramaraõ o sangue? Se pera os Davids, que disparãrão a funda, & derrubaraõ a Gigante a lançadas, & pera os Hadrieis que ficaraõ olhando desde os arrayais ha favores; quem haverá que trabalhe, quem haverà que peleije; Christo não levou consigo ao Monte Olivete mais que os tres Dicipulos que levâra consigo ao Monte Thabor; porque só quem recebeo merces no monte das glorias, esperou assistencias no monte das penas, & cõ tudo cõ serẽ todos tres tanto de ante mão favorecidos, Diogo fugio cobarde, Pedro negou infiel, sò João chegou constante ao calvario: se os homens ainda premiádos faltão, sem premio como haverá homens?

Halhe de faltar tambem Deos, porque he palavra sua no Ecclesiastes, que não conservará os Reynos onde ouver injustiças. *Regnum transfertur de gente in gentem propter injustitiam:* as injustiças da terra abrem a porta á justiça do Ceo. Quem passou o Imperio dos Assirios pera os Persas, dos Persas pera os Gregos, dos Gregos pera os Romanos? As injustiças: este he o vento que tempestuosamente inquieto revolve o mar das Monarchias, & com variedades tão notaveis o arroja de hũa parte pera a outra: que Deos tenhá olhos pera ver neste mundo a hum justo opprimido, & a hum vicioso levantado, não he falta em sua providencia, porque tem hũa eternidade, onde com a fortuna das almas desconta a desigualdade dos corpos; porèm nas Monarchias não ha mais que corpo, não tem alma que Deos haja de chamar ao juizo na outra vida; & assi pera cumprir com sua providencia, quando nellas se achão sem razoens, & injustiças, he força que aqui as castigue; faltarà Deos ao credito de seu justo governo, se a caso naõ faltara â conservação de hũ governo injusto. Estes saõ os males q traz consigo o governo da vontade, advertidos na desgraça de Thome, mas debalde advertidos, porq como eu julgo q se perdeo a India, porque ha annos muitos que se rege pella vontade, nem premio pera benemeritos, nem castigo pera facinorosos, dizem que ha naquelle estado; & isto he

ceito

certo que procede de que a vontade tem o mando; a vontade dos miniſtros faz o proceſſo das culpas, a võtade dos Miniſtros; o memerial dos ſerviços: daqui nace que de muitos que vem da India, ſão daſpachados os que ouverão de ſer caſtigados, & não ſaõ ouvidos os que ouverão de ſer adiantados; ſò hum bem tem eſta vontade que não he muito difficultoſa de grangear; com preſſe facilmẽte a qualquer rendimento ſe rende. Pello menos a ſoſpeita eſtá por eſta parte, porque dos meſmos poſtos, & officios donde naquelles melhores annos dos antigos Portuguezes vinhão os Miniſtros a eſte Reyno com livros muito limitados, vem em noſſos tempos com exceſſivos livros: Iacob pera augmentar as ſuas ovelhas, tirou a hũas varas a rama, as folhas, as flores, os fruitos, & a caſca, de ſorte q̃ por iſſo crecia o gado, porque ſe deſcaſcavão as varas. Se agora vẽ as varas tão veſtidas de rama, tão cubertas de folha, tão órnadas de flores, & tão carregadas de fruitos, que havemos de cuidar ſenão que tudo he lãa das ovelhas? E ſe nòs tão inadvertidamente empenhados fomos dar no meſmo baxo em que perigou Thome, que muito, que naufragaſſe o Oriente?

Errou tambem Thome, porque cegamente inconſiderado cometeo materias da fé à vontade. *Noli eſſe incredulus*: a esfera da vontade entendeſe o amor, não chega ao querer: ſabe a võtade fazer actos de amor, não ſabe produzir actos de fè, & como Thome meteo a vontade em couſas fora de ſua esfera, errou a vontade, & perdeoſe Thome: & que cuidadoſo de noſſo bem ſe perde; a boa fortuna nos ſucceſſos de hũa Republica depende toda da conformidade dos negocios com o genio dos Miniſtros; a capacidade, & inclinação dos ſogeitos ha de fazer a eleição do officio, que da proporção do inſtrumento, como matéria reſultaõ os primores da obra: os homens dentro de ſua esfera procedem muito ao natural, fora della obra muito ao violento, & as acçoens pera ſahirem perfeitas não hão de ſer filhas da violencia, hão de ſer parto da natureza.

Conſtitue Deos a Adam Principe univerſal do mundo, & diz aſſi: *Dominamini piſcibus maris, & volatilibus cœli, & univerſis animantibus, quæ moventur ſuper aquam*: Dominareis como Senhor, occupareis como Monarcha aos peixes do mar, as aves do Ceo, & aos

animais da terra: Assi disse Deos, & reparava eu porque havia de dizer assi? aos peixes do mar, âs aves do Ceo, aos animais da terra, pera que he esta superfluidade de palavras? bastava dizer aos peixes, ás aves, aos animaes, porque claro está que os animais saõ da terra, as aves do Ceo, os peixes do mar: pois porque acrecenta Deos aos peixes do mar, as aves do Ceo, os animais da terra? A terra he a esfera dos animais. O Ceo he a esfera das aves, o mar he a esfera dos peixes, & quiz Deos lembrar a Adam as esferas dos subditos, pera que ficasse advertido, que por ellas os havia de governar elle, *Domine Adam*, aos peixes (como se dissera Deos) mas advirta que hum delfim he do mar, *piscibus maris*, pera que lhe não ordene cousas da terra: presida aos animais, mas repare que hũ Leão he da terra: *bestijs terræ*, pera q̃ lhe não ẽcarregue emprezas do Ceo: governe as aves, mas note que huma Aguia he do Ceo: *volatilibus cæli*, pera q̃ lhe não cometa negocios do mar: occupe ao delfim no mar, a aguia no Ceo, ao Leão na terra, não mande voar ao Leão, que será precipitalo: não mande nadar a Aguia, que será afogala; não mande andar ao delfim que será destruillo.

Assi instituhio Deos ao primeiro Monarcha, & assi he necessario q̃ se proceda em todas as Monarchias: nas eleiçoens pera os officios, hase de atender à natureza dos eleitos: não se hão de dar as pessoas aos cargos, hãose de dar os cargos âs pessoas. O esforço seja Leão da campanha, o engenho seja Aguia dos conselhos; a experiencia seja delfim das agoas; que obrar de outra sorte será encommendar cousas do mar ás aves, negocios da terra aos peixes, materias do Ceo aos animais, & em lugar dos acertos que pretendem, tudo serão desacertos.

Lá quiz S. Pedro levantar tres tendas no Thabor; & responde o Evangelista que não sabia o que dizia; *Nesciẽs quid diceret*; & não podia deixar de ser assi? Pedro era pescador, & toda sua vida avia gastado em fazer redes; pois hum pescador como podia meterse a exercitar com acerto o officio de architecto? Hum homem que sò sabia remẽdar redes, como he possivel que acertasse a armar tendas, & traçar cazas? Claro está que havia de errar tudo: não he o mesmo

no ter boa mão pera a pesca, que ter mão pera architetura: pesque Pedro, & não se meta em levantar fabricas; que na pesca farâ milagres, & na fabrica farâ desordens. Querer em hũa Republica q assista no tribunal, quem sempre assistio na campanha, & querer que assista na campanha, quem sempre assistio no tribunal, he querer que erre na fabrica, quem soubera acertar na pesca. A natureza não deu a todos iguais qualidades pera tudo: são os animos dos homens tão differentes como seus rostros, & se nas occupaçoens não se atender â capacidade, & inteligencia das pessoas, nem se conseguirão os intentos, nem se evitarão os perigos. Ainda hoje chora Ethiopia, & mostra nos corpos adustos de seus habitadores o mao conselho de Apollo (se he licito valernos da moralidade dos antigos em suas fabulas) por haver entregado o carro da Luz a seu Filho Phaetonte, mancebo inexperto, & incapaz de tão alta empreza: que se faltão as prendas necessarias não basta ser filho do Sol, pera guiar com acertos os carros mais luzidos do governo; não ha eleição feita por salto, que não tenha seus desares: a experiencia descobre, & gradua os sogeitos. Do Sol sei eu que pera o fazerem presidente do mundo, primeiro lhe provarão a sufficiencia dos rayos, & despois de ser tres dias luz, ao quarto o levantarão Sol. Formar hum juizo, não he o mesmo que reger huma armada; governar huma praça não he o mesmo, que ordenar hum exercito; se se confundirem os ministros, como he possivel que não seja tudo confuzão nos officios? Ordene pois o exercito o soldado, governe a praça o politico, reja a armada o intelligente, & forme o juizo o douto; que de outra maneira serâ arriscar o juizo, a armada, a praça, o exercito, & o mesmo estado. Não me meto a inquirir se acazo se perdeo a India, porque lhe faltasse em nós este cuidado; o que sei he que perdemos ha muitos annos naquella conquista as batalhas, as praças, & as armadas. *Noli esse incredulus.* Destes desacertos de Thome veio a precipitarse tão infelizmente arrojado, que faltou à Fé que devia a Deos, & arriscouse a ficar eternamente privado do melhor Reyno que he o Ceo. Mas que attento a nosso bem se arrisca! Aqui nos descubrio Thome

o peri-

o perigo maior da Monarchia mais florente. A maior potenci
tem seu principio em Deos: antes que na terra se coroarão os Rey
em sua eternamēte: se coroarão quē dão primeiro movel aos orbe
o dâ tābē aos Imperio: a Republica que como Lua não tiver semp
os olhos attentos ao resplendor do Sol divino, brevemente ver
ecclypsado o orbe de seu poder: o zelo da Fé, a piedade da Religi
ão, o cuidado da ley, he a baze em que se levantão, & segurão as
Monarchias: entre os Hebreos, quando se coroavão os Reys, man
dava Deos que lhe puzessem a Thyara do Reyno na cabeça, & o
Deutoronomio da lei na mão, pera que entendessem, que com o
cuidado da lei se conservava a soberania da Thiara. Nabucho o mes-
mo foi perder o respeito ao templo de Hyerusalem, que perder o
imperio. Balthazar na mesma hora, em que profanava sacrilego os
vazos sagrados, nessa mesma lhe escreverão a sentença de sua des-
truição. Saul no mesmo ponto em que rasgou inconsiderado a ca-
pa de Samuel ministro de Deos, nesse mesmo lhe decretou o Se-
nhor a expulsão do Reyno. *Scidit Dominum regnum á te hodie*; que
não sofre o Ceo, que se fação violencias aos ministros da lei, & quā-
do estas saõ as consequencias da pouca fidelidade pera com Deos,
que melhor nos podia patrocinar Thome, que negar incredulo
(como diz S. Agostinho) pera que nós fossemos fieis? *Quam bona
infidelitas, quæ sæculorum fidei militavit:* mas não sei se diga, q̄ nos
tirou Deos a India, porque se acabou nos Portuguezes aquelle zel-
lo da Fé, aquella piedade da Religião, que noutro tempo tanto flo-
receo.

Quando conquistamos aquelle estado, não sei Cidade, nem for-
taleza aonde o Ceo não favorecesse milagrosamente nossos inten-
tos: na tomada de Goa, Ormus, & Malaca ajudou visivelmente ao
grande Affonso de Albuquerque o Apostolo Sant-Iago: em ambos
os cercos de Dio foi vista a Virgem Senhora nossa, já rebatendo
contra os mesmos inimigos suas setas, & seus pelouros, já tapando
com sua benditissima maõ os ouvidos das peças, pera que não to-
massem fogo contra os Portuguezes. No cerco de Chaul, S. Bar-
bora servio de Cōdestavel de nossa artelharia, ella borneava as peças,
ella lhe dava fogo, que como tambem acertadas faziāo horrendo
estrago

estrago nos Mouros. Em Ormus vio D. Frãcisco Garcia hũ rayo sobre a armada inimiga, portẽto fatal de sua perda. Em Ceilão vio Lopo de Brito hũa lança no ar, que brandida contra os Chingalàs, lhes pronosticava ruìna. Em Borbalm vio Lopo Vaz de Sãopayo hum alfange de fogo, que pelejava contra os Malavares: assi nos assistia o Ceo antiguamente, hoje não ha huma assistencia destas; donde procederá isto? Procede de que antigamente os Portuguezes trazião o augmento da Fè muito diante dos olhos, hoje nenhuma cousa trazem menos diante dos olhos que o augmento da Fê: antigamẽte interessava o Ceo nas nossas emprezas a conversão de muitas almas, hoje estorvase a conversão das almas pellos nossos interesses: antigamente assistiase com liberalidade franca aos Ministros do Evangelho, em nossos tempos chegarão a verse fechadas as Igrejas, por não havero necessario pera a administração dos Sacramentos: antigamente favorecião se os convertidos, hoje opprimemse: antigamente havia hum D. Constantino de Bargança, que por tirar hũa occasião de idolatria queimasse aquelle tão celebre dente do Bogio, & com elle trezentos mil cruzados, que lhe offerecião pello resgate, hoje por menos cruzados, poderá ser que ficasse adorado o dente: pois com isto queriamos India? Com isto queriamos que o Ceo attendesse a nossas fortunas? Deos levantou a Portugal em Reyno no Campo de Ourique pera levar o Evangelho pello mundo todo: *ut feratur nomen meum per exteras gentes*: com esta condição nos derão o Reyno, & se nôs faltamos a ella, se impedimos a conversão do Evangelho, senão tratamos de ganhar as almas pera Christo, como não havemos de perder nossas conquistas?

O meio mais conveniente pera ter a Deos propicio em nossos successos, & o maior soborno, cõ que podemos concluir seu affecto he o bem das almas, porque huma alma, he a cousa que mais estima Deos. Vai Christo descrevendo as condiçoens de hum bom pastor, & remata com esta notavel sentença: *Propterea me diligit Pater, quia ego pono animam meam:* Meu eterno Pay por isso me ama, porque eu hei de dar a vida pella redempção das almas: Senhor que dizeis? Como pode ser, que por essa causa vos ame o Pay? porque vòs morreis pellas almas? Entre dous objectos amados, aquelle

se ama mais por cuja causa se ama o outro; se vosso Pay vos ama por amor das almas, logo mais ama as almas do que vos ama a vós: que quereis que diga? Assi o ensina Christo, & havia razoens no Pay, pera elle o publicar assi. Via Christo a seu eterno Pay tão satisfeito, de que elle se offerecesse á morte pella salvação das almas, que parece que não o amava tanto, porque era filho, quanto porque morria por ellas: *Propterea me diligit Pater, quia ego pono animam meam*: Se a salvação das almas he motivo do amor de Deos pera seu Filho, nòs que não somos filhos, como grangearemos seu amor estorvando o remedio das almas? Se queremos que Deos nos assista, que nos restaure a India, que nos prospere o Reyno, sobornemos sua graça com lhe offerecer muitas almas.

Assi o faremos, glorioso Orago, & divino Padroeiro Thome, & pera que sejão efficazes as advertencias de nossas felicidades em vossa desgraça, debaixo de vossa protecção, & amparo, esperamos executallas: Encommendovos a Magestade soberana de nosso Monarcha, em cuja real pessoa confiamos, que desempenhará Deos suas promessas: pois he justo que hum Reyno, que deve a gloria de Reyno ao grande nome de Affonso, deva tambem a soberania de Imperio ao mesmo nome: assisti cuidadoso a seus intentos, patrocinai sua vida, favorecei suas acçoens, pera que em serviço de Deos, em gloria de seu nome, em amparo de sua Igreja, em augmento de sua Monarchia; amado dos vassallos, temido dos inimigos, respeitado dos neutrais, & admirado de todos, viva, vença, triumphe. Encomendovos esta Corte, que tão religiosamente illustre celebra vossas memorias, encomendovos, mas naõ vos encomendo, que pera irmão não são as recomẽdaçoẽs necessarias] o Reyno de Portugal todo: a vossa, & a nossa India si, essa vos encomendo eu muito, fazei com a efficacia de vosso patrocinio, que tome toda a sogeição das armas, que a conquistarão: não permaneçaõ triumphantes os estandartes da heregia Olandeza, onde tantas vezes triumpharão gloriosas as chagas de Iesu Christo; E se a causa principal porque Deos quasi tem tirado aquella conquista a Portugal, he o pouco cuidado, com que os Portuguezes tratão hoje os negocios da fè, dizeilhe, que quando seu Monarcha, com tanta piedade, zelo, &

affe-

affecto assiste á conversão das almas, & ao augmento da Christandade, não he justo que perca a melhor joya de sua coroa pello descuido de seus vassallos: o concerto de dilatar a Fê quando Portugal se criou Reyno, não se fez cõ os Vassallos, como o Rey se fez. Pois ainda os Reys de Portugal, não faltarão ao concerto, ainda favorecem a protecção verdadeiramente real, a prègaçaõ do Evangelho: torne pois a India a seu Monarcha, esteja a Magestade divina pello concerto, quando não falta a Magestade humana; para que assi reconheçamos de todo nossas venturas a vosso patrocinio, pello qual esperamos tambem alcançar a graça com que seguremos a gloria, *Ad quam nos perducat Deus.*